

PAI

Wanneska Thaymmá Vieira Silva de Andrade¹

Pouca gente parece saber o poder revelador de um bem material. Pelo contrário, a maioria de nós faz questão de lembrar “não levamos nada dessa vida”, e não erram, mas esquecem que enquanto formos matéria, é na matéria que daremos sinais de nós, seja na decoração escolhida para compor o quarto da criança que vai chegar, seja no quadro que nasce de um momento de agonia. Quando o carro do meu pai (seu instrumento de trabalho) começou a dar sinais de cansaço, eu ainda não via que ele próprio só continuava por puro ofício. Com o passar dos anos, ele pedia, cada vez mais, uma pausa. Quanto mais pedia, mais era obrigado a seguir por aquela estrada. Transportava não só gente, mas sonhos, medos e mudanças - medos de mudanças, sobretudo - assim como todo táxi que sai do sertão em destino à capital, a promessa do novo atraía sempre muitos passageiros e passageiras, mas o antigo, o velho, o mesmo de sempre, impregnava dia após dia, quilômetro após quilômetro, naquela Doblò azul. Perdi as contas de quantas conversas presenciei sobre isso. Ouvia sua mãe e a minha, sua esposa na época, com discursos muito parecidos, pareciam, em segredo, dividir saberes sobre aquele homem, aquele tipo de segredo que só o amor maduro pode lançar luz sobre. “Não está na hora de investir em outro carro?” “Está saindo mais caro manter essa lata velha, você não consegue ver, por que tem que ser tão teimoso? Também não sei quantas vezes o observei ser grosso com elas, afastando-as para o mais longe que podia e fazendo com que ambas acreditassem ser estúpidas por tentar ajudar, ou, talvez, por amar demais quem parece ter aversão ao amor.

Quebrado meu pai. Quebrado seu carro.

Vai ver por isso ele nunca comprou um novo carro. Nem sabia retribuir amor. Sabia que dentro dele havia tantas peças defeituosas quanto naquele companheiro de estrada. Queria poder convencê-lo do contrário, mas ninguém pode tirar do fundo quem ainda não percebeu que precisa estender a mão.

¹ Egressa do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas – PET Letras Ufal, participou do PET entre os anos de 2020 e 2024.

Foi só quando meus pais se divorciaram que eu pude perceber que a falta do cuidado insistente de minha mãe não deteriorara somente o carro. Quanto maior o tempo que eu ficava sem ver meu pai, maior o número de novos reparos improvisados no automóvel: a porta não abria por dentro, o chão tinha mais sujeira do que cabia em um aspirador, a pintura já não revelava o azul que eu tanto gostava quando era criança. A questão é que todos esses problemas eram simples de serem resolvidos, eram matéria e a matéria costuma apresentar quase sempre mais de uma solução para seus reparos. O calo aperta no que não podemos tocar, no que mecânico nenhum pode resolver.

O carro perdia as forças e o meu pai também. Se negava a trocar de carro e de vida. Cada vez mais perdia passageiros e pessoas importantes em seu íntimo. Foi doloroso enxergar seu processo. Foi doloroso entender que eu não o salvaria, nem ele a mim. Acredito que tem muito de uma criança ferida no adulto que percebe que não salvará seus pais e não terá novos para pôr no lugar. É essa mesma criança que precisará, em algum momento, em um corpo de adulto, entender que não há nada de sobre humano em um pai. Ele sangra. Ele afasta quem ama e tem feridas tão profundas que nem consegue ver, mas o corpo sente e dá um jeito de fazer emergir, a gente que custa a ver. A gente espera sinais cristalinos e gritos de socorro, mas é naquele incômodo na nuca que a tensão da vida tenta chamar atenção, é em atitudes sem explicações óbvias que demonstramos precisar de ajuda, é na insistência em um carro velho que nosso apego às dores antigas se mostra cada vez mais renovado. Nunca consegui mostrar ao meu pai que a vida podia ser melhor, que o desconhecido pode surpreender e que mágoas e dores pesam somente em quem as carrega. Sei que a dor seduz, tal qual Yara. Queria desafogar meu pai, mas ele só tinha ouvidos para o canto sedutor de suas dores.

Salvei a mim.

Quando recebi a notícia de sua morte, quis entender o que tinha acontecido e soube o que eu já sabia: as comidas proibidas há anos, as mesmas que não saiam do seu prato, cobraram seu preço. “Morte cardíaca súbita” ouvi o médico dizer. Dentre tantas coisas

¹ Egressa do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas – PET Letras Ufal, participou do PET entre os anos de 2020 e 2024.

que pareciam ecoar na minha cabeça, aquela frase se sobressaia: morte cardíaca súbita. Nem sempre o ato de tirar a própria vida atende pelo nome de suicídio. Às vezes, é uma morte cardíaca súbita.

¹ Egressa do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas – PET Letras Ufal, participou do PET entre os anos de 2020 e 2024.